



HAL
open science

Imaginar Nuevo México en 1602. La representación de la tierra incógnita: encuentros y desencuentros cartográficos en la América colonial

Amaia Cabranes

► **To cite this version:**

Amaia Cabranes. Imaginar Nuevo México en 1602. La representación de la tierra incógnita: encuentros y desencuentros cartográficos en la América colonial. Francisco Roque de Oliveira (org.). Cartógrafos para toda a Terra : produção e circulação do saber cartográfico ibero-americano : agentes e contextos, 2, Biblioteca Nacional de Portugal; Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa; Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2015, 978-972-565-529-0. hal-03614035

HAL Id: hal-03614035

<https://hal.science/hal-03614035v1>

Submitted on 23 Oct 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

De Jslas.

Costa de Jslas

plaiia,

lla mienafieza.

Ji: buena.

teza não de seu
terra.

llos Jslas

teza Jncuenta

Costa de los Jslas

Costa

Cartógrafos para toda a Terra

Produção e circulação do saber
cartográfico ibero-americano:
agentes e contextos

Volume 2

Francisco Roque de Oliveira (org.)

A M C

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

U LISBOA
IGOT
CENTRO DE INVESTIGACAO
E GEOGRAFIA
CRG

Centro de História
d'Aquém e d'Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

Cartógrafos para toda a Terra

**PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO SABER
CARTOGRÁFICO IBERO-AMERICANO:
AGENTES E CONTEXTOS**

Cartógrafos para toda la Tierra

**PRODUCCIÓN Y CIRCULACIÓN DEL SABER
CARTOGRÁFICO IBEROAMERICANO:
AGENTES Y CONTEXTOS**

Cartógrafos para toda a Terra

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO SABER
CARTOGRÁFICO IBERO-AMERICANO:
AGENTES E CONTEXTOS

Cartógrafos para toda la Tierra

PRODUCCIÓN Y CIRCULACIÓN DEL SABER
CARTOGRÁFICO IBEROAMERICANO:
AGENTES Y CONTEXTOS

Francisco Roque de Oliveira (org.)

Volume 2

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL



Centro de História de Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

Lisboa 2015

Cartógrafos para toda a Terra. Produção e circulação do saber cartográfico ibero-americano: agentes e contextos

Cartógrafos para toda la Tierra. Producción y circulación del saber cartográfico iberoamericano: agentes y contextos

ORGANIZADOR

Francisco Roque de Oliveira

COMISSÃO EDITORIAL

Francisco Roque de Oliveira, Guadalupe Pinzón Ríos, Maria Helena Esteves, Maria Joaquina Feijão, Miguel Rodrigues Lourenço, Zoltán Biedermann

REVISÃO

Daniel Paiva

EDITORES

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) | Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-UL) | Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores (CHAM, UNL/UAÇ)

CAPA

Fernão Vaz Dourado – Carta parcial da costa noroeste da América do Norte, [ca 1576], perg., il. color.; 385 × 277 mm BNP, Lisboa: IL 171, fl. 19 (pormenor)

DESIGN

TVM designers

PRÉ-IMPRESSÃO

Área de Gestão Editorial BNP

© Autores, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

Cartógrafos para toda a Terra

Cartógrafos para toda a Terra : produção e circulação do saber cartográfico ibero-americano : agentes e contextos = Cartógrafos para toda la Tierra : producción y circulación del saber cartográfico iberoamericano : agentes y contextos / org. Francisco Roque de Oliveira. – Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal : Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa : Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2015. – 2 v. : il.

Livro eletrônico.

ISBN 978-972-565-529-0

CDU 528(46)*15/19*(091)(042)(0.034)

Os trabalhos que integram esta publicação foram submetidos à avaliação por pares (*peer review*) feita por avaliadores externos à Comissão Editorial em regime de duplo anonimato (*double-blind*).

Los trabajos que integran esta publicación fueron sometidos a evaluación por pares (*peer review*) hecha por evaluadores externos a la Comisión Editorial en régimen de doble anonimato (*double-blind*).

APOIOS



VOLUME 2

Parte IV

Cartografia e história urbana

Cartografía e historia urbana

- «[O] Melhor Patrimonio do Estado»: representações não-portuguesas das cidades da Província do Norte do Estado da Índia, séculos XVI-XIX 551
JOAQUIM MANUEL RODRIGUES DOS SANTOS
- As cidades (in)visíveis: a representação urbana em mapas do Brasil 555
RENATA MALCHER DE ARAUJO
VERA DOMINGUES
- Sobre a biografia da Planta da Villa de Maceió e a cartografia do engenheiro inglês Carlos de Mornay em Alagoas 585
MARIA DE FÁTIMA DE MELLO BARRETO CAMPELLO
- A Porto Alegre Imperial 605
DANIELA MARZOLA FIALHO
- A cartografia da expansão da cidade de São Paulo no período de 1881 a 2001 623
REINALDO PAUL PÉREZ MACHADO
IARA SAKITANI KAKO
- Buenos Aires, mapas y expansión. Cartografía y saberes urbanos en la construcción de la ciudad moderna 641
GRACIELA FAVELUKES
- Reinterpretaciones cartográficas: del origen a la Granada del XVIII 659
ANA DEL CID MENDOZA
- Da evolução urbana à geografia histórica do Rio de Janeiro: uma análise da produção de Mauricio de Almeida Abreu 675
PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS

Parte v

Horizontes da cartografia náutica ibero-americana

Horizontes de la cartografía náutica iberoamericana

- La Casa de Contratación de Sevilla, el Padrón Real, las cartas de marear y los inicios de la ciencia moderna 693
MAURICIO NIETO OLARTE
- La cartografía en los libros españoles de cosmografía, siglo XVI 713
MARIANO CUESTA DOMINGO
- La cartografía náutica española en el siglo XVII: transición de arte a ciencia 741
ALFREDO SURROCA CARRASCOSA
- La cartografía en los libros españoles de náutica, siglo XVIII 763
JOSÉ MARÍA BLANCO NÚÑEZ
- A Náutica na Reforma da Universidade de Coimbra (1772): o fim do cargo de cosmógrafo mor e o nascimento das academias de ensino náutico 763
NUNO MARTINS FERREIRA
- Troncos particulares de léguas: alternativa à carta de Mercator 783
ANTÓNIO COSTA CANAS
- El problema de los mapas náuticos con doble escala de latitud 805
SIMONETTA CONTI
- A cristalização de um modelo: as Filipinas na cartografia portuguesa, 1554-1580 827
MIGUEL RODRIGUES LOURENÇO

Parte VI

Cartografias híbridas e imagens literárias

Cartografias híbridas e imágenes literarias

- Topónimos/serpiente: sacralización del paisaje en las *Relaciones geográficas*, crónicas y documentos pictóricos del siglo XVI en México 831
ÁNGEL JULIÁN GARCÍA ZAMBRANO
- Imaginar Nuevo México en 1602. La representación de la tierra incógnita: encuentros y desencuentros cartográficos en la América colonial 857
AMAIA CABRANES RUBIO

Cartografias de lo interno. Lo subterráneo en la construcción mítica de la Granada contrarreformista	879
FRANCISCO ANTONIO GARCÍA PÉREZ	
Os sertões: de realidade geográfica a imagem literária	901
ANDRÉ HERÁCLIO DO RÊGO	
El Sudeste Asiático europeo a través de la cartografía literaria: la literatura de viajeros españoles a Filipinas durante el siglo XIX	911
JOSÉ MARÍA FERNÁNDEZ PALACIOS	
Angola na cartografia colonial e na escrita de António Lobo Antunes	933
FABIANA D'ASCENZO	

Parte VII

História da cartografia e divulgação de fundos cartográficos

Historia de la cartografía y divulgación de fondos cartográficos

Francisco de Borja Garção Stockler <i>versus</i> António Ribeiro dos Santos: os primeiros estudos de cartografia antiga em Portugal, 1805-1817	933
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA	
A edição de <i>Portugaliae Monumenta Cartographica</i> e o seu significado político	933
CARLOS MANUEL VALENTIM	
El mapa geológico de México. La presencia de una nueva disciplina en el México del siglo XIX	933
LUCERO MORELOS RODRÍGUEZ	
JOSÉ OMAR MONCADA MAYA	
Projeto «Atlas Histórico da Bahia Colonial»: promoção e difusão do saber cartográfico	955
ERIVALDO FAGUNDES NEVES	
MARIA HILDA BAQUEIRO PARAÍSO	
CAIO FIGUEIREDO FERNANDES ADAN	
ANDRÉ DE ALMEIDA REGO	
RAQUEL DE MATOS CARDOSO DO VALE	
ELANE FIÚZA BORGES	
JOCIMARA SOUZA BRITTO LOBÃO	
Projeto «Album Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927: estudos críticos»	971
MARIA LÚCIA PRADO COSTA	

MARIA APARECIDA SEABRA DE CARVALHO MARIA DE LUJAN SEABRA DE CARVALHO COSTA	
A importância da cartografia para o estudo da evolução da orla costeira: o exemplo do trecho Buarcos-Cova (Figueira da Foz, Portugal)	985
JOANA GASPAR DE FREITAS JOÃO ALVEIRINHO DIAS ANTÓNIO MOTA LOPES HELENA KOL	
Herramientas tecnológicas para la difusión y el estudio de los fondos cartográficos de la Fundación Luis Giménez Lorente	1005
JESÚS PALOMAR VÁZQUEZ FERNANDO BUCHÓN MORAGUES	

VOLUME 1

Cinquenta e um ensaios ibero-americanos de História da Cartografia	15
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA	
Rumos da História da Cartografia	23
FRANCISCO CONTENTE DOMINGUES	

Parte I

Os cartógrafos e as suas fontes

Los cartógrafos y sus fuentes

Fontes de origem portuguesa utilizadas por Piri Reis no Prefácio do <i>Kitab i-Bahrye</i> , 1526	37
RUI MANUEL LOUREIRO	
Alonso de Santa Cruz: argumentos para considerarle el autor del <i>Atlas de El Escorial</i>	47
ANTONIO CRESPO SANZ ISABEL VICENTE MAROTO	
Nacimiento y evolución de la cartografía matemática en España. Las libretas de campo de tres cosmógrafos: Esquivel, Labaña y Santa Ana	81
ANTONIO CRESPO SANZ	
Los mapas lícitos de publicar en Amberes. Redes, agentes y fuentes cartográficas usadas por Abraham Ortelius para el «Pervviae Avriferæ	

Regionis Typvs. Didaco Mendezio auctore», 1584 SEBASTIÁN DÍAZ ÁNGEL	115
Producción y circulación del saber cartográfico entre Europa e Italia a finales del siglo XVI y principios del XVII. Modelos geográficos y cartográficos para representar a la Tierra ANNALISA D'ASCENZO	149
Percursos do engenheiro António Carlos Andréis em Cabo Verde, 1765-1779 MARIA JOÃO SOARES	171
¿Original o copia? La colección de Pedro De Angelis y la circulación de la cartografía en el Río de la Plata, 1827-1853 TERESA ZWEIFEL	199

Parte II

Tecnologia cartográfica e disputas territoriais

Tecnología cartográfica y disputas territoriales

La línea de frontera brasileña en el mapa de Juan de la Cruz y Olmedilla de 1775 JOSÉ ANDRÉS JIMÉNEZ GARCÉS	219
A outra face das expedições científico-demarcatórias na Amazônia: o coronel Francisco Requena y Herrera e a comitiva castelhana BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO IRIS KANTOR	243
O Padre Francisco Xavier Éder e as Missões de Moxos ISTVÁN RÁKÓCZI MÁRIO CLEMENTE FERREIRA	265
Trazos a ciegas: los mapas políticos de Sudamérica en tiempos de las revoluciones independentistas latinoamericanas CARLA LOIS	287
O território contestado entre a França e o Brasil no âmbito das Sociedades Geográficas Nacionais JOÃO PAULO JEANNINE ANDRADE CARNEIRO	317
O delineamento da Estrada Real desde a serra de Rio Maior a Leiria em 1791 RICARDO CHARTERS D'AZEVEDO	339

La evolución de la representación cartográfica de las Islas Pontinas en el virreinato de Nápoles – siglos XVI-XVIII	357
ARTURO GALLIA	
Proyección inglesa sobre las Islas del Pacífico novohispano a través de sus mapas y diarios de viaje – siglo XVIII	371
GUADALUPE PINZÓN RÍOS	
España y la legitimación de sus colonias decimonónicas en el Pacífico a través de los mapas de Francisco Coello	391
DAVID MANZANO COSANO	

Parte III

A construção territorial do Brasil

La construcción territorial del Brasil

Análise semiótica da dimensão imaterial da cartografia histórica brasileira: o sentido territorial do Estado do Paraná no século XVIII	413
ESTEVÃO PASTORI GARBIN	
FERNANDO LUIZ DE PAULA SANTIL	
Cartografia Histórica da Capitania de Minas Gerais nos mapas de José Joaquim da Rocha do século XVIII	429
JOSÉ FLÁVIO MORAIS CASTRO	
Território e História. Caminhos, vilas e cidades em Goiás no século XVIII	447
LENORA DE CASTRO BARBO	
RÔMULO JOSÉ DA COSTA RIBEIRO	
Cartografia de terras e gentes: a guerra aos povos indígenas nas capitanias de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia no início do século XIX	465
MARIA HILDA BAQUEIRO PARAÍSO	
CAIO FIGUEIREDO FERNANDES ADAN	
Colonização e cartografia no sul do Brasil oitocentista: o exemplo de Emil Odebrecht	487
ENALI DE BIAGGI	
Cartografia e experiência histórica no Império do Brasil	511
LEANDRO MACEDO JANKE	

Imaginar Nuevo México en 1602.

La representación de la tierra incógnita: encuentros y desencuentros cartográficos en la América colonial

AMAIA CABRANES RUBIO
Université Paris Ouest Nanterre

El inesperado regreso a México en 1536 de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca alimentó intensamente en Nueva España la atracción por el Norte. Cabeza de Vaca y sus compañeros difundieron noticias extraordinarias sobre esos espacios lejanos divulgando la existencia de las Siete Ciudades de Cibola¹. A lo largo del siglo XVI, atraídos por la inmensidad y la esperanza de encontrar de nuevo suntuosos centros urbanos como Tenochtitlan o Cuzco, los conquistadores organizaron numerosas exploraciones hacia el norte, hacia el interior de las tierras. Sin embargo, hubo que esperar a 1598 para que el adelantado don Juan de Oñate iniciase la ocupación definitiva del territorio.

Oñate sale de Santa Bárbara con un convoy de 130 colonos y remonta el curso del Río Grande. Alrededor de los 36º de latitud norte, funda un establecimiento que llama San Juan de los Caballeros y toma posesión de Nuevo México.² A pesar de la resistencia de los indígenas y de la deserción de numerosos españoles desalentados por la dificultad, soldados y franciscanos controlan poco a poco los establecimientos de los indios llamados pueblos.³ De este modo nace Nuevo México. A lo largo del siglo XVII se consolida como provincia de frontera –sus límites permanecerán abiertos y el control español del territorio limitado a algunos puestos alrededor del Río Grande.

1 Ver Núñez Cabeza de Vaca, 2001.

2 «Acta de toma de posesión de Nuevo México, el 30 de abril, 1598 por Juan de Oñate» (HAMMOND; REY, 1953: 329-336).

3 Sobre la organización de la colonización de Nuevo México ver Simmons, 1979; Gutierrez, 1991.

El proceso de incorporación de Nuevo México a la Nueva España ilustra como la integración formal de las provincias al virreinato, y por lo tanto al conjunto imperial, precedía al verdadero control del espacio que éstas abarcaban. La delimitación de las regiones de frontera constituía, por tanto, una ficción jurídica establecida y difundida gracias a la cartografía. En otras palabras, «lo mapas anticiparon el imperio» (HARLEY, 1995: 26).

Si la representación de los espacios desconocidos constituyó la primera etapa hacia su apropiación, nuestro objetivo aquí es el de comprender cómo los españoles se representaron Nuevo México tras los primeros contactos con este espacio codiciado estudiando tanto el contenido como el modo en el que se forjó esa imagen. Para ello, analizaremos y contrastaremos dos mapas realizados en 1602 durante la investigación oficial realizada en México a propósito de la exploración que don Juan de Oñate emprendió en 1601 desde San Cristóbal, establecimiento a orillas del Río Grande, hacia la *tierra adentro*.

Estos dos mapas tienen, por otra parte, el interés de ser los más antiguos que se conocen de la región. Uno es, al menos parcialmente, de factura indígena, y por ello, en sí mismo, prueba de la incorporación del saber y de los mitos de los indios a la geografía imaginaria de los españoles. ¿Cuál es el estatuto que se otorga a las fuentes indígenas en la representación de los espacios americanos? ¿Cómo interpretar la relación que se establece entre las tradiciones cartográficas occidentales y las autóctonas en la representación de dichos espacios? El otro, elaborado por el cosmógrafo real Enrico Martínez, muestra el modo en el que la administración trataba gráficamente la información recogida durante una *entrada*. La transcripción de la encuesta realizada por orden del virrey en México nos permite así intentar elucidar el proceso de elaboración de estas dos imágenes.

La encuesta

La expedición de Oñate sale de San Cristóbal hacia el norte el 1 de julio de 1601 y el 29 de septiembre de ese mismo año emprende el regreso. Cuando el sobrino y maese de campo del gobernador de Nuevo México, Vicente de Zaldívar, llega a México durante la Pascua de 1602 acompañado por numerosos soldados que habían participado en la exploración, y muy especialmente, por un indio cautivo, el virrey manda al factor Francisco Valverde que dirija una pesquisa sobre dicha expedición. Del 22 de abril al 11 de

mayo de 1602, «con el fin de establecer la verdad y de tomar las medidas más adecuadas para el servicio de Dios y del rey», los testigos fueron interrogados sobre varios puntos.⁴

En primer lugar, las autoridades se interesan por los establecimientos de Nuevo México gobernados por don Juan de Oñate: ¿Cuántos hombres «pacificados» hay bajo su jurisdicción? ¿Qué tipo de indios son? ¿Hay oro o plata? A continuación, interrogan a los testigos sobre la expedición del verano de 1601. Para empezar, se interesan sobre las motivaciones de Oñate: ¿Qué relaciones de *entradas* anteriores motivan al gobernador a explorar «la meseta de los búfalos»? ¿Por qué Oñate decide dar media vuelta en lugar de avanzar aún más hacia el interior de la tierra? ¿Estarían dispuestos a participar en una nueva expedición? Los testigos deben hacer igualmente una relación de los acontecimientos vividos y de las cosas vistas. Se trata de informar sobre los recursos naturales de la región (¿cómo son los búfalos? ¿hay salinas, metales?) y sobre los grupos indígenas encontrados (hábitat, resistencia o no a los españoles). Finalmente, algunas cuestiones conciernen a la medida de esos nuevos espacios: ¿A qué distancia están del mar? ¿Cuál es la latitud de San Gabriel?⁵ ¿Habían visto o habían tenido noticias sobre el pasaje que unía el mar del Norte y el mar del Sur?⁶

El indio Miguel

El indio prisionero, de nombre Miguel, también fue interpelado por las autoridades virreinales, pero como no conocía la lengua castellana, le

4 *Información que, por comision del Virrey, hizo el factor Francisco Valverde sobre el descubrimiento que el gobernador Don Juan de Oñate hizo hacia la parte del norte delante de las provincias de Nuevo Mexico*, AGI, Patronato, 22, R.4 (8) [61 folios] y transcrita exclusivamente en inglés en Hammond; Rey, 1953: 836-877.

5 San Gabriel fue la capital de Nuevo México –lugar de residencia del gobernador– entre 1599 y 1610. Antes fue San Juan de los Caballeros (1598-1599). Y después, a partir de 1610, Santa Fe.

6 Se trata del mítico pasaje de Anián que debía unir el océano Atlántico y el océano Pacífico. Mito de larga vida y motor de muchas de las exploraciones del septentrión de la Nueva España durante el siglo XVI y aún bien avanzado el siglo XVII.

pidieron que dibujase un mapa que sirviese de útil de comunicación entre él y el factor Valverde (FIGURA 1).⁷

En la comunicación entre indios y europeos colonizadores se utilizaron con frecuencia mapas, muchas veces de carácter efímero –hechos en la tierra, en un trozo de papel, etc. (LEWIS, 1992: II, 125). El contexto oficial en el que fue realizada la «pintura» de Miguel ha permitido, sin duda, su pervivencia. Por otra parte, recordemos brevemente que la administración colonial solicitó siempre la participación de los pintores indígenas para producir los mapas que necesitaba (GRUZINSKI, 1987: 49-50), y muy particularmente con motivo de la elaboración de la *Relaciones geográficas* entre 1570 y 1600 – amplia encuesta promovida por la corona que tenía como objetivo la descripción de los territorios españoles del Nuevo Mundo.⁸ De algún modo, esta investigación sobre el Norte de la primavera de 1602 podría situarse en la estela de las *Relaciones*.

En primer lugar, Francisco Valverde pide «por señas» a Miguel que marque «con pluma y tinta sobre una hoja de papel» dónde se sitúan los pueblos de su país. Miguel dibuja círculos de diferentes tamaños y «de una manera fácil de comprender» explica lo que representan dichos círculos. ¿Sabía Miguel servirse de una pluma? ¿La había utilizado ya con anterioridad? «Para que todo quede claro» el notario real, Hernando Esteban, transcribe encima de cada uno de los círculos los nombres de dichos lugares. Es decir, que el mapa tiene en realidad dos autores: Miguel dibujaba y Hernando escribía el texto a partir de las «palabras» del indio.⁹

7 Pintura que por mandado de Francisco Valverde de Mercado factor de S. M hizo Miguel yndio natural de las provincias de Nuevo México del modo de las poblaciones de las dichas provincias con la declaración en ellas como el lo dixo y dio a entender por señas, y el nombre de los pueblos pronunciándolos como están escriptos (AGI, MP-Mexico, 50. In AGI, Patronato, 22, R.4(8)). El mapa no está fechado, pero el interrogatorio de Miguel tiene lugar el 29 de abril de 1602, así que podemos suponer que ese fue el día de su elaboración (HAMMOND; REY, 1953: 871-877).

8 Sobre las *Relaciones Geográficas* ver Mundy, 1996.

9 Esta doble autoría era frecuente: las indicaciones alfabéticas y/o numéricas que se encuentran en los mapas relizados por indígenas durante la época colonial fueron generalmente realizadas por manos españolas (GRUZINSKI, 1987: 53).

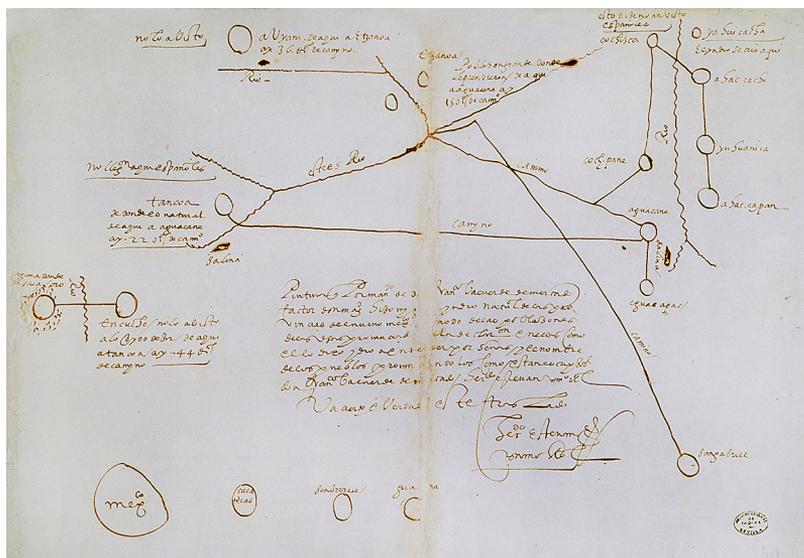


Figura 1. Pintura que (...) hizo Miguel yndio (...) [1602] (AGI, MP-Mexico, 50).

A continuación, Miguel traza líneas ondulas y rectas que unen los diferentes círculos e indica «por señas» que las líneas representan respectivamente los ríos y los caminos (HAMMOND; REY, 1953: 872-873).

Con el mapa sobre la mesa el indio Miguel fue interrogado, en palabras del notario real, «por señas, lo mejor que pudimos». Miguel afirma haber nacido en Tancoa y que de aquí al lugar en el que fue capturado y en el que creció, Aguacane, había 22 días de camino, «contando los días con granos de maíz» (HAMMOND; REY, 1953: 874).¹⁰ ¿De dónde salían esos granos de maíz?; ¿Los llevaba Miguel encima?; ¿Los ponen a su disposición el factor y el notario?. Los indios de Aguacane le capturaron y esclavizaron siendo un niño y le llevaron a vivir con ellos (HAMMOND; REY, 1953: 875).¹¹ De este

10 Ver FIGURA 1. A la izquierda de la imagen: Tancoa, de donde es natural, de aquí a Aguacane ay 22 dias de cam[in]o. A la derecha: Aguacane.

11 Parece haber aquí una contradicción entre la imagen y el texto puesto que en el mapa, arriba a la derecha, leemos Yahuicacha, el indio se crió aquí. En todo caso, durante el

lugar hasta Tzanoa, el gran asentamiento donde los españoles le hicieron prisionero durante una batalla contra los indios de la jurisdicción de Aguacane, Miguel contaba 15 días de camino.¹² Desde Tzanoa a Vyana, lugar que nunca conoció, había, «según había escuchado decir», 36 días de camino.¹³ Sin embargo, no conocía la distancia entre Tancoa, su lugar de nacimiento y Vyana.

Resulta evidente que los funcionarios reales trataban, en primer lugar, de calibrar la extensión del espacio representado por Miguel, espacio comprendido en un cuadrado delimitado por estas cuatro poblaciones (Tancoa, Aguacane, Tzanoa y Vyana). En estos cuatro puntos ocurren los acontecimientos más relevantes de la vida de Miguel: nacimiento, residencia y fatal encuentro con los españoles – Vyana parece querer simbolizar el límite del espacio conocido por el indio. Es decir, que podemos considerar el resultado como una representación espacial de la biografía de Miguel. Por último, de Tancoa a Encuche, donde le habían dicho que había oro, se contaban 44 días de camino (HAMMOND; REY, 1953: 874).¹⁴

Abordaremos más adelante esta cuestión del oro, pero tratemos antes de situar el dibujo del indio Miguel en el mapa de América del norte con el fin de analizar su factura y hacerlo inteligible para el lector contemporáneo. *A priori*, es muy difícil, saber dónde se encuentran los lugares representados en la imagen. La imagen es extremadamente esquemática y no conocemos ni cuál es su orientación, ni tampoco su escala. Si pensamos en el nombre de días (¿a pié? ¿a caballo?) necesarios para ir de un lugar a otro, podemos suponer que el espacio representado es bastante vasto.

G. Malcom Lewis (1992: II, 126) sostiene que el mapa tiene una clave de lectura. Abajo y a la izquierda, en la parte inferior de la representación y desconectados del resto de la misma, vemos cuatro círculos que, además de indicar la ruta seguida por el convoy de Zaldívar en el que Miguel va desde Nuevo México a México, constituirían una leyenda. Según el autor,

interrogatorio en ningún momento se alude a esta población.

- 12 Arriba al centro, *Tzanoa, poblazon grande donde le prendieron y de aqui a Aguacane ay 15 dias de cam[in]o.*
- 13 Arriba a la izquierda, *Vyana, de aqui a Tzanoa ay 36 dias de camyno, no lo a visto.*
- 14 A la izquierda, *Encuche, no lo a visto, a lo oydo dezir. De aqui a Tancoa ay 44 dias de camyno.*

el indio habría querido señalar que ninguno de los pueblos de su país era tan grande como la ciudad de México y que todos eran más o menos del mismo tamaño – comparables a Guadiana, Sombrerete y Zacatecas. No obstante, no encontramos en la transcripción del interrogatorio ninguna alusión que permita confirmar esta hipótesis¹⁵, y podrían formularse otras igualmente aventuradas. Si leemos estos cuatro círculos de derecha a izquierda, la ruta seguida por Zaldívar se encuentra bien indicada; las ciudades representadas se disponen en este orden si se viaja de norte a sur como en efecto lo hizo el convoy. Si Miguel orienta de este modo los asentamientos españoles que conoce (¿pero quién lo hizo, Miguel o el notario real?), podríamos pensar que el mapa está orientado así en su conjunto, es decir, hacia el oeste. Sin embargo, la presencia en la parte inferior derecha de la imagen de la ciudad de San Gabriel, capital de Nuevo México en ese momento y lugar por el que Zaldívar también pasó de camino a México, nos ofrece una posible clave para elucidar la orientación del mapa. Por un lado, su situación parece confirmar que, al menos las poblaciones españolas, están orientadas hacia el oeste, puesto que efectivamente San Gabriel se encuentra bien al norte y ligeramente al occidente de Guadiana. Por otro, el hecho de que un camino lleve desde San Gabriel hasta un punto desconocido, a orillas de un río y no muy lejos de Tzaoa, del espacio representado en la parte superior de la imagen, la que corresponde al espacio de vida de Miguel y al recorrido por los expedicionarios de 1601, nos permite elucubrar acerca de la orientación de esta parte de la imagen – la más importante, la que corresponde al contenido del interrogatorio—. Sabemos que Oñate se dirige desde los establecimientos españoles del Nuevo México en dirección noreste hacia la *tierra adentro*. Por lo tanto, muy probablemente todo el espacio representado por Miguel esté orientado hacia el este.

15 Esta conjetura resulta improbable: como hemos visto, Tzaoa está descrito, tanto en la imagen como en el texto del interrogatorio, como un gran asentamiento; sin embargo, el círculo que lo representa es incluso más pequeño que el de otros pueblos del mapa.

¿Remiten las características de esta imagen, por lo demás extremadamente esquemática, a una tradición cartográfica prehispánica?¹⁶ Aunque su orientación resulte difícil de comprender – ¿se trata acaso de un mapa con múltiples puntos de orientación?–, sí podemos considerar que el mapa ofrece una representación espacio-temporal del territorio en la medida en que nos permite leer el espacio que abarca la vida de Miguel.¹⁷ Pero, ¿no son más bien las preguntas de los funcionarios reales las que determinan esta particularidad de la imagen? ¿Por qué Hernando Esteban transcribe los datos biográficos del indio sobre el mapa? ¿No es cierto que las tradiciones cartográficas occidentales e indígenas podían no ser tan diferentes (KAGAN, 2000: 45-70)? Que este y otros mapas hayan servido de útiles de comunicación entre indios americanos y europeos ¿no es una prueba en sí misma de que existían paralelismos suficientes entre los modos de representar el espacio de los unos y de los otros? Como lo subraya Richard Kagan, la cartografía popular occidental, la más antigua y preponderante en Europa aún a principios del siglo XVII y particularmente en España, estaba muy alejada de la cartografía científica-ptolemaica que sólo algunos especialistas manejaban. Los «mapas de experiencia», con un fuerte componente simbólico, «mostraban el mundo en términos locales, más bien personales y con frecuencia históricos» (KAGAN, 2000: 46).

A través del cuestionario, las autoridades civiles del virreinato trataban de representarse un espacio bastante desconocido para los colonizadores y solamente conocido parcialmente por Miguel. Como hemos visto, el indio afirma no haber estado en algunos de los pueblos que se encuentran representados: Vyana y Encuche (donde se sitúa la laguna de la que se extrae el

16 En la tradición prehispánica mesoamericana, las representaciones cartográficas o se orientan, en general, hacia el este (MUSSET, 1988: 24), o se multiplican los puntos de orientación (RUSSO, 2008: 96).

17 La cartografía prehispánica está concebida para evocar a la vez el espacio y el tiempo (MUSSET, 1988: 23; RUSSO, 2008: 96), en especial en lo que concierne a los códices cuya función era la preservar la memoria colectiva de los pueblos mesoamericanos. Otro tipo de mapas, como las pinturas catastrales hechas con el fin de consignar la propiedad de la tierra, forman también parte de la tradición prehispánica mesoamericana. Se trata de mapas topográficos que presuponen una visión abstracta del mundo como podía existir en Europa (KAGAN, 2000: 46-55)

oro). Los españoles tampoco han estado en algunos de los lugares representados en el mapa y también esta información queda consignada en la imagen. Por ejemplo a Cuhizca (arriba y a la derecha) podemos leer «esto dize no an visto españoles». Todo parece indicar que para los funcionarios reales era importante registrar visualmente cuales eran los límites del espacio del que se tenía experiencia directa y quién era la fuente de dicha experiencia, si Miguel o los españoles. En cuanto a la ubicación del mapa, sabemos que Tzanoa es el gran asentamiento en el que Zaldívar captura a Miguel. Este dato, contrastado con el mapa realizado por Enrico Martínez y el testimonio de Juan Rodríguez, uno de los miembros de la expedición de Oñate interrogado igualmente por F. Valverde, nos permite localizar aproximadamente el espacio representado por Miguel.

Enrico Martínez

Enrico Martínez, cosmógrafo real en la capital del virreinato¹⁸, dibuja un mapa de Nuevo-México a partir de la información obtenida durante la encuesta oficial relativa a la expedición de don Juan de Oñate de 1601 (FIGURA 2).¹⁹

Este mapa muestra, al primer golpe de vista, un espacio medido –en leguas (*tronco de las leguas* abajo a la derecha, 150 leguas=150mm) y en grados de latitud–, orientado según los puntos cardinales, proporcionado

18 Enrico Martínez (1550/60-1632), nacido Heinrich Martin a Hamburgo. También fue ingeniero hidráulico e impresor. En tanto que cartógrafo real, elaboró 32 imágenes de la costa del Pacífico de la Nueva España basándose en la información recogida durante la expedición de S. Vizcaíno en California (1602). Autor, en 1606, de *Reperitorio de los Tiempos e Historia Natural de la Nueva España*, mezcla de libro de medicina y de astrología y una de las primeras obras publicadas en México. De 1607 hasta poco antes de su muerte, Martínez fue el director técnico y científico de las obras de drenaje de la ciudad de México.

19 Rasguño de las provincias de la Nueva Mexico, hecho por Enrico Martínez, cosmógrafo. Comprende desde los 19 a los 42 grados de latitud norte (AGI, MP-Mexico, 49. Forma parte de AGI, Patronato, 22, R.12 (14) [fol. 945]. Le sigue la Relación Verdadera de los subcesos que hubo en la entrada que hizo el adelantado y gobernador Don Juan de Oñate, en nombre de su magestad desde estas primeras poblaciones de la Nueva Mexico hasta la parte del Norte este año de 1601, AGI, Patronato, 22, R.12 (15). fol. 946 y siguientes)

y simétrico.²⁰ Constatamos enseguida que es obra de un cartógrafo. En el dorso del folio, un pequeño texto nos ofrece algunos datos sobre la imagen: las fuentes utilizadas por Martínez, el contexto en el que fue realizada.²¹

En primer lugar, el autor dice haber dibujado el mapa a partir de la información que le procura Juan Rodríguez, un marino que acompañó a Oñate en su exploración. Juan Rodríguez fue uno de los testigos interrogados por Francisco Valverde en abril de 1602 y disponemos, en consecuencia, de su testimonio. Efectivamente, el testigo era un marino de origen portugués compañero de Oñate desde el principio de la conquista del Nuevo México. Constituía así una fuente de información de primera mano sobre los nuevos espacios descubiertos. Espacios que conocía por haberlos recorrido y gracias a la información que obtiene interrogando a los indígenas. Es posible que el parecido entre el mapa de Martínez y un portulano se deba a esta influencia del marinero Rodríguez. Una rosa de los vientos en el corazón de la imagen de donde se articulan rumbos en todas las direc-

20 Sobre las consecuencias de la integración del método de proyección de Ptolomeo, particularmente del sistema de coordenadas, sobre el plano de la representación cartográfica ver Besse, 2003: 131-135.

21 En el AGI nunca tuvimos acceso al manuscrito original de este mapa. Es posible consultarlo a través del portal PARES [<http://pares.mcu.es>], pero solo se encuentra reproducida la cara del folio. Tuvimos conocimiento de la leyenda que acompañaba a la imagen en el dorso del folio gracias al libro de Carl I. Wheat (el texto se encuentra exclusivamente transcrito en inglés): «On the back of the map is a lengthy note [...] in the handwriting of his maker : «From the information given to me by Juan Rodríguez, a mariner who went with Governor Juan de Oñate on the new exploration, I have made this sketch with the brevity ordered by Your Excellency, hoping that it might serve until the other one is finished. This later one will show more clearly the way things are, not only how the newly discovered provinces are situated with reference to one other, but also how they lie with regard to the provinces and coastlines of New Spain, including all the necessary points on the east coast. (This will) provide a better understanding of the site of the land which the new settlement occupies. Up to this point I have determined that this land lies at 40 degrees north latitude, and in the point at which it is closest to the sea is on the coast of Florida in the Mexican Gulf. This Gulf is 220 leagues away (from New Mexico) measuring the distance by the shortest and straightest route»» (WHEAT, 1957: 30).

ciones caracteriza los mapas marinos de la época.²² Por otro lado, no es por casualidad que este espacio desértico sea tratado y representado como si fuese un océano: tan vastos, vacíos e incommensurables el uno como el otro.

El mapa tiene como objetivo mostrar dónde se sitúan las «nuevas provincias descubiertas», que Martínez localiza a 40° de latitud norte y, según la leyenda al dorso del folio, a 220 leguas del golfo de México «tomando en cuenta el camino más corto y más derecho». El cosmógrafo real afirma también haber esbozado esta imagen con el fin de contestar rápidamente a una orden del virrey. Para él, no se trataba más que de un croquis provisional mientras que terminaba de dibujar el mapa definitivo – lo que explicaría que su autor definiese el dibujo como un «rasguño», un esbozo: «El próximo mapa ilustrará –afirmaba– dónde se encuentran las nuevas provincias en relación al mar, lo que permitirá una mejor comprensión de su situación geográfica» (WHEAT, 1957: 30).

Sin duda el mapa de Enrico Martínez fue el que el virrey envió en correo urgente al rey el 14 de mayo de 1602 con el fin de informarle sobre los recientísimos descubrimientos hechos por Oñate²³.

La importancia atribuida a la cuestión de la distancia entre las nuevas tierras descubiertas y el mar queda igualmente reflejada en el dibujo hecho por Martínez. En la mitad inferior derecha de la imagen, el cosmógrafo

22 «Les portulans, qui ne comportaient guère de références écrites ou dessinées à Dieu, aux divinités et aux monstres. étaient des relevés utilitaires des lignes des côtes dans lesquels les eaux côtières et la pleine mer étaient traversés de rhumbs (les routes magnétiques) tracés à la règle» (CROSBY, 2003: 23).

23 «De nueva me truxo Bicente de Çaldivar, maese de campo sobrino de aquel gov(ernad)or. Llego aqui con ella por Pasqua de resurrección. Con su venida obligo a hazer papeles y para acerlos y conferir la materia algunas juntas que me an embarcado desde entonces muchos rratos por ser necessario con el acuerdo y con otras personas platicas en diferentes dias para mejor informar a VM^a. (...) Con el papel que aquí digo de los nego(cio)s del Nu(ev)o Mexico va un rrasguño q(ue) me a dado para este pliego el cosmographo q(ue) asistio a la juntas de esta materia y es Henrico Martinez. En que por el ay. Se da alguna menor distan(cia) desde lo nuevam(en)te descubierto a la mar del norte» Carta del virrey, conde de Monterrey, al rey, Chapultepec, 14 de mayo de 1602 (AGI, Patronato, 22, R.4 (6) y Hammond; Rey, 1953: 954-955).

introduce una representación, inconexa con el resto del espacio representado, de las costas del golfo de México. Esta imagen de la costa sirve de tela de fondo a una leyenda que comprende una lista de los nombres de los pueblos de Nuevo México. Esta curiosa composición, altamente simbólica, relaciona visualmente la nueva provincia incorporada con el mar del Norte (el océano Atlántico). Pensamos que en la inmensidad desértica de las tierras septentrionales, la costa, por muy lejos que estuviese, seguía siendo el punto de referencia incontestable. De hecho, Martínez perfila igualmente un pequeño extremo de la costa del mar del Sur (océano Pacífico). Lo que nos permite también situar los nuevos espacios en el conjunto continental y, no menos importante, aproximar visualmente los dos océanos. ¿No era el mítico pasaje de Anián entre uno y otro el motor de muchas de las exploraciones? Recordemos el interés que las autoridades civiles le prestan. Por lo demás, probablemente, la distancia entre los asentamientos de Nuevo México y el mar fuese importante desde un punto de vista estratégico. Es posible que el único modo de amortiguar el aislamiento de dichos lugares fuera el de conectarlos, al menos en la imaginación, con los océanos.

La distancia estimada por Enrico Martínez entre las nuevas tierras descubiertas y el mar no coincide con la estimación hecha por Juan Rodríguez durante el interrogatorio en México. Posiblemente, el cosmógrafo, sabiendo que el marino, como él mismo lo afirma, viajaba sin los útiles necesarios para medir el espacio (brújula, astrolabio), tenga en cuenta cierto margen de error. La realidad es que la diferencia entre los dos testimonios, el del teórico y el del práctico, es muy importante. El primero afirma que entre las nuevas tierras descubiertas y el océano hay 220 leguas (WHEAT, 1957: 30) y el segundo sostiene, cálculo este por lo demás mucho más exacto, que hay 400 (HAMMOND; REY, 1953: 871). En fin, todo parece indicar que Martínez buscaba deliberadamente crear una imagen de proximidad entre dichos asentamientos y el mar.

Sea lo que sea, la leyenda superpuesta a la imagen del golfo es en sí misma interesante. Nos ofrece una lista de la mayoría de los pueblos de Nuevo México en 1602:

«Por quanto los pueblos del Nuevo Me[xic]o estan muy juntos, por tan estrecha descripción como esta no se pueden comodam[en]te poner con cada uno su nombre, se a puesto

junto a cada pueblo cierto numero con el qual ocurriendo a la siguiente tabla a la mano derecha del, se hallara el nombre de los pueblos : 2-Calicu, 4-Socorro, 6-Nueva Sevilla, 7-San Juan, 9-Mesilla, 11-Pueblos del valle de Yuarí (?), 12-San Cristobal, 13-San Felipe, 14-Santo Domingo, 15-Galisteo, 16-Los Pecos, 17-Tipotin (?), 18-Santiago, 19-Santa Ana, 20-Zia, 21-Chicotin, 22-Mesillas, 24-Santa Clara, 25-San Gabriel, donde reside el gobernador, 26-San Ildefonso, 27-San Marcos, 28-San Juan, 30-Picuries, 31-Sana, 32-Taos. De los demas pueblos cuyos numeros en la orden desta tabla faltan, no tengo noticia de sus nombres» (FIGURA 2).

Constatamos que la toponimia de estos pueblos, apenas cuatro años después de la llegada de Oñate a Nuevo México, tiene ya, aunque los nombres indígenas no falten, una fuerte impronta hispánica y cristiana. La toponimia contribuye a realzar el dominio español sobre el espacio, creando una «realidad», si se nos permite, «irreal» –sabemos hasta que punto era débil y frágil la apropiación colonial de estos parajes lejanos y aislados del resto del virreinato. El mapa, al fijar estos nombres gráficamente, reforzaba el proceso de apropiación intelectual del espacio.

Dichos pueblos están representados en el mapa por un número y también por otros dos tipos de símbolos, bien triángulos, bien una especie de edificios compuestos de tres rectángulos –muy parecidos, aunque de menor tamaño, a los que utiliza Martínez para representar las ciudades españolas. Los triángulos corresponden a los pueblos cuyo nombre desconoce el cosmógrafo y que, por lo tanto, no figuran en la lista de la leyenda. ¿Acaso estos pueblos de nombre desconocido por Enrico Martínez eran los que los españoles no habían ocupado aún?

El testimonio de Juan Rodríguez del 26 de abril de 1602 nos aclara ligeramente acerca del hábitat indígena.

Cuando el factor Valverde pregunta al informador de Martínez como eran las personas «pacificadas» que vivían bajo la jurisdicción de Juan de Oñate, es decir los indios que poblaban las dos orillas del Río Grande, Rodríguez responde que sus casas estaban construidas en adobe y que tenían entre tres y cinco pisos (HAMMOND; REY, 1953: 862). A propósito del hábitat de los excansaques, representados en el mapa en la orilla septentrional del río del Robredal (600 rancherías de excansaques) y simboli-

zados por varios pequeños rectángulos pegados los unos a los otros, Rodríguez dice que esos indios viven en chozas redondas hechas de ramas y de paja y recubiertas en su gran mayoría por pieles de búfalo (HAMMOND; REY, 1953: 865). Por último, en el pueblo del nuevo descubrim[ien]to, el lugar más septentrional alcanzado por la expedición de Oñate, las casas, anchas en la base y estrechas arriba, están construidas, según el testimonio del marino portugués, con vigas plantadas en la tierra y cubiertas de paja (HAMMOND; REY, 1953: 866).

Aunque la descripción de los diferentes hábitats sea sucinta, resulta evidente que los españoles eran sensibles a esta cuestión concerniente a las moradas indígenas. El descubrimiento de indios sedentarios y agricultores que vivían en pueblos de casas de adobe a orillas del río Grande había impresionado mucho a los primeros exploradores del Norte.²⁴ Tanto fue así que les bautizaron indios pueblo, subrayando de este modo su tipo de hábitat que les distinguía de otros grupos indígenas del norte y que contradecía la imagen del chichimeca nómada y salvaje. ¿No era justamente el hábitat urbano uno de los rasgos distintivos de la civilización?

Por otra parte, si hay algo que el mapa de Enrico Martínez pone en evidencia de modo inmediato es la importancia de los ríos en la representación del espacio. Éstos constituyen el elemento preponderante en la naturaleza del Norte: puntos de referencia por excelencia y fuentes de agua en un medio desértico. Gracias a ellos podemos interpretar la ruta seguida por Oñate –simbolizada en el mapa por una línea discontinua. Sale de México y va hasta Nuevo México pasando por San Juan del Río, Zacatecas y Santa Bárbara; a continuación cruza el Río Conchos y el Río Nombre de Dios (muy probablemente el actual Río Balleza) hasta llegar al Río (Grande) del Norte –llamado Río Bravo en su parte oriental. Como sabemos, Oñate se instala alrededor del curso septentrional de este río en 1598. En 1601, el convoy de exploración dirigido por el adelantado-gobernador se dirige, desde los asentamientos de Nuevo México, hacia el noreste. Atra-

24 Ver el diario de Hernán Gallego, miembro de la expedición de Francisco Sanchez de Chamuscado y fray Agustín Rodríguez (1581) (HAMMOND & REY, 1966: 82-86 y 122; SIMMONS, 1979: 179). Sobre la conquista del norte ver también Hine & Faragher, 2000.

viesa el Río Salado (Río Pecos) y remonta el Río de la Madalena (Canadian River). Según la leyenda (arriba y a la izquierda del mapa – FIGURA 2), desde este punto (marcado con una A en el dibujo) hasta el pueblo del nuevo descubrimiento, toda la tierra es llana con muchas vacas que llaman de çinaloa (búfalos). Sin embargo, resulta complejo identificar con certeza el trayecto seguido por el convoy durante esta última fase de la expedición. Cuanto más se adentran los exploradores en la tierra desconocida, más imprecisa resulta la recogida de información.

Carl Irving Wheat sostiene (WHEAT, 1957:29) que el Río del Robredal, en cuya orilla septentrional se sitúan las 600 rancherías de escanxaques por donde pasan nuestros expedicionarios, es el Arkansas River y que el pueblo del nuevo descubrimiento, último asentamiento alcanzado por Oñate, se encuentra a 25 millas al sur de la actual ciudad de Wichita (Kansas, USA, 37° 42'N). Esta hipótesis se confirmaría si el Río del Robredal y el río a orillas del cual se encuentra el «pueblo recién descubierto» fuesen el mismo, puesto que Wichita se sitúa en el Arkansas River. Nos resulta más lógico pensar que el Río del Robredal corresponde al actual Cimarron River.

Precisamos de modo puntilloso porque según la declaración de Juan Rodríguez, el indio Miguel fue capturado por los españoles muy cerca de donde vivían los escanxaques (HAMMOND; REY, 1953: 868). Es decir, que el pueblo de Tzanoa del dibujo de Miguel (FIGURA 1) corresponde a las 600 rancherías de excanxaques del mapa de Martínez (FIGURA 2) y que este lugar se encuentra probablemente en alguna parte a orillas del Cimarron River cerca de su confluencia con el Arkansas River, al noreste del estado de Oklahoma, no lejos de la frontera con el estado de Kansas, USA.

Si, por otro lado, aceptamos que la pintura de Miguel se encuentra orientada hacia el este, podríamos considerar que el otro río dibujado por el indio, a orillas del cual se encuentra Cuhizca, lugar que los españoles «no han visto» (FIGURA 1), a saber, que nunca alcanzaron porque emprendieron el regreso, se trata del río Madalena (Cimarron River) del mapa de Enrico Martínez –cuya parte oriental, en efecto, los españoles desconocían. De este modo, es muy probable que el mapa de Miguel corresponda con el extremo nororiental del mapa de Martínez y que, el cosmógrafo, se

apoyase directamente en el testimonio del indio para realizarlo.²⁵ El dibujo de Miguel (FIGURA 1) podría así corresponder al norte del estado de Oklahoma, el oeste del de Arkansas y, si tenemos en cuenta la representación de la misteriosa laguna de Encuche, el sur del estado de Kansas o más allá.²⁶ Por lo demás, no deja de sorprender que en los albores del siglo XVII, los españoles se encuentren ya tratando de apropiarse de una región a unos 1800Km de distancia de la ciudad de México, no lejana ya del curso septentrional del Misisipi.

Fuentes indígenas, imágenes míticas

Un último aspecto, presente tanto en el mapa de Miguel como en el de Martínez, nos parece digno de interés. Las dos imágenes localizan lugares en los que se encontraría oro.

Del río marcado con una «B» en el mapa del cosmógrafo, en el confin septentrional del espacio representado, *dizen los indios que es muy poblado y que ay un gran señor y que ay oro, mas nadie de los nuestros lo a visto ni rastro del* (FIGURA 2). Juan Rodríguez, que era el informador de Martínez, no lo olvidemos, sostiene, durante su entrevista con Valverde, que volviendo a San Gabriel, el indio cautivo Miguel, expresándose por señas, les había dicho que a dos días y medio de camino hacia el norte desde el lugar al que habían llegado los españoles, los indios extraían oro del río y que hacían lingotes con él que intercambiaban con otros indígenas por mantas y pieles. Contaba también que allí, vivía un rey que utilizaba copas de oro y se cubría con una capa blanca, y que no se dirigía más que a dos o tres personas que transmitían su voluntad al resto de su pueblo. Juan Rodríguez afirma creer al indio puesto que éste había contado la misma historia en muchas ocasiones (HAMMOND; REY, 1953: 869-870).

Efectivamente, la versión que Miguel da a Francisco Valverde era bastante parecida a la que Rodríguez había «escuchado» de boca del indio y aportaba algunos detalles importantes. Valverde muestra a Miguel un lingote de oro y otros metales y le pregunta si en su tierra o en algún otro lugar

25 Recordemos que Martínez estuvo presente durante la encuesta oficial de la expedición, ver nota 23.

26 G. Malcom Lewis propone una localización más precisa (LEWIS, 1992: 126).

de los representados en el dibujo podían encontrarse ese tipo de cosas. Miguel responde que había oído decir que había oro en el pueblo de Encuche, pero que él nunca había estado allí. Lo decía colocando el lingote de oro sobre el círculo en el que estaba escrito Encuche y pasándolo después por el lugar marcado como Tancoa y por otros lugares, decía, por señas «fáciles de comprender» que los Indios de Encuche llevaban hasta allí el oro para comprar la carne y las pieles de las que carecían. Todo deja suponer que Encuche (FIGURA 1) coincide con el río B (FIGURA 2) del mapa de Martínez, lo que no hace más que confirmar que el mapa de Miguel se encuentra orientado hacia el este.

Los funcionarios reales preguntan a Miguel si el oro se encontraba en el río dibujado al lado de Encuche y Miguel responde, dibujándola en la hoja, que había escuchado decir que el oro se extraía de una laguna más allá de Encuche. Tanto el factor como el notario resaltan las contradicciones del testimonio de Miguel. El indio sostiene no haber visto nunca el oro en polvo, sino solamente en lingotes y en copas. Sin embargo, afirma haber visto fundir lingotes de oro a Tancoa cuando era adulto. Además, asegura haber sido conducido a Aguacane siendo niño y no haber regresado nunca a su pueblo natal, Tancoa. Valverde y Esteban no consiguieron hacerle entender que se contradecía (HAMMOND; REY, 1953:875-876).

Resumiendo, las indicaciones concernientes a un lugar en el que se encontraría oro procedían, fundamentalmente, de Miguel. Sin embargo, Miguel no conocía personalmente ese lugar. El indio sostiene, haciéndose comprender por señas y a través de la imagen, haber visto lingotes de oro cuando los funcionarios le mostraban uno. Pero su «discurso» sobre las condiciones en las que había visto el dicho oro, aunque «fácil de comprender» aparece plagado de contradicciones. Podemos preguntarnos hoy, si este mito de El Dorado adaptado a Nuevo México tenía también una verdadera base indígena o si fue totalmente elaborado in situ por Miguel, por los miembros de la expedición de Oñate y/o por los funcionarios de la corona. Fuese lo que fuese, los españoles esperaban, desde el regreso de Cabeza de Vaca a México y la divulgación de su insólita experiencia, encontrar grandes y ricas ciudades al norte. Es interesante observar que las autoridades civiles del virreinato tomaban muy en serio el tema y que trataban de localizar ese mítico lugar en los mapas y de subrayar el origen indígena

de la información. ¿Este origen es en sí mismo una prueba de autenticidad o más bien una razón para desconfiar?

Toda información sobre los espacios de frontera se prestaba fácilmente a la controversia y a la especulación puesto que se trataba de espacios desconocidos. Para otorgarle credibilidad era necesario recalcar su procedencia: o bien era información recogida por testigos oculares, o bien era de origen indígena. Las fuentes de origen indígena tenían, sin embargo, un estatuto doblemente ambiguo. Por un lado, constituían una prueba de autenticidad: ¿no será con el fin de atribuir veracidad a la información que recoge el mapa que el notario real transcribe, a modo de tela de fondo, si Miguel ha crecido, estado, visto o no visto, los pueblos dibujados?; ¿no será más bien esta búsqueda de verosimilitud por parte de los funcionarios reales lo que determina el carácter espacio-temporal del mapa y no la factura indígena del mismo? Por otro, las fuentes indígenas, no eran en sí mismas fiables y era necesario confirmarlas con otras fuentes. En tanto que fuentes para el historiador, se encuentran ya interpretadas según criterios occidentales: jerarquizadas, condicionadas por los intereses de los conquistadores-colonos y también por razones subjetivas aún más difíciles de evaluar (CALVO, 2004:157-158). El proceso de elaboración del mapa de Miguel es en este sentido paradigmático, hasta tal punto que es difícil determinar la «verdadera» autoría del mismo. Sea lo que sea, cuanto más se fueron controlando los espacios, menos fue necesario depender de las fuentes indígenas.

Conclusiones

La expedición de Oñate de 1601 suscitó un gran interés entre las autoridades civiles del virreinato. La llegada a México de Zaldívar, *maese de campo* del gobernador de Nuevo México, acaparó toda la atención del virrey que ordenó inmediatamente que se realizara una pesquisa sobre la expedición y que se dibujara un mapa geográfico de los nuevos espacios descubiertos. Toda la información recogida se envió rápidamente al monarca. Cabe preguntarse, aunque tratar de responder exigiese otra investigación, sobre el modo en que se gestionaba en Madrid esta información. Sea lo que sea, no cabe duda de que la administración colonial sentía la necesidad de representarse el espacio que contaba administrar más adelante.

Al tratar de construir una imagen de esas fronteras lejanas, tres cuestiones fundamentales le preocupaban: las riquezas de la tierra, los hombres y la medida del espacio. Par ello, se solicita a las personas pertinentes que dibujen mapas en los que estos tres polos de interés queden representados. ¿Quiénes eran esas personas? En primer lugar, era necesaria la opinión de aquellos que tenían experiencia directa del terreno, y entre ellos, la de los más cualificados para ofrecer la mejor información: un marinero, en tanto que técnico acostumbrado a orientarse en el espacio oceánico y un indio autóctono. A continuación, se recurre a otro técnico del espacio, pero esta vez desde el punto de vista teórico: se le pide a un cosmógrafo que integre los distintos testimonios en una representación geográfica de carácter científico. Quizás no resulte anodino recordar que ni Rodríguez, ni Miguel, ni Martínez eran de «nación» española. En este proceso, marcado ya por un gran cosmopolitismo, de una fase a otra –del esquema de Miguel, al esbozo de Martínez y a la futura carta que este espera poder realizar–, observamos una progresión en cuanto a la precisión de la imagen aunque también numerosas distorsiones. Hemos visto, por ejemplo, la divergencia entre las medidas del espacio tomadas por el marino-explorador y las del cosmógrafo. Y sobre todo, la recogida de información a través del indio plantea un gran número de dificultades. Los medios de comunicación utilizados durante su interrogatorio, gestos e imágenes, nos aparecen hoy poco fiables y susceptibles de abrir la puerta a todo tipo de interpretaciones. Hay tantos puntos oscuros en el relato que podemos incluso preguntarnos si el presunto interrogatorio de Miguel tuvo realmente lugar.

Aunque todo fuese un género de montaje para atestar del origen indígena de las fuentes, el mapa de Miguel podría considerarse como un documento híbrido, un «objeto mestizo» podríamos decir, cuyas condiciones de producción dan prueba del contexto de conquista y de violencia en el que fue creado.²⁷ Hecho por un indio cautivo para contestar al interrogatorio al que le sometieron los españoles; y completado por la transcripción

27 Ver el libro *Planète métisse* (2008) editado con ocasión de la exposición del mismo nombre que tuvo lugar en el Musée du quai Branly (Paris) del 18 de marzo del 2008 al 19 de julio del 2009. Sobre el proceso de hibridación cartográfica en la mesoamérica colonial ver Gruzinski, 1988.

en castellano de lo que el indio explicaba durante una entrevista realizada por señas y conducida gracias a los objetos que las autoridades españolas proponían a Miguel. El dibujo del cosmógrafo también puede ser considerado como un documento de origen doble en la medida en el que integra mitos-saberes indígenas. Sin embargo, fue elaborado a partir de un sistema de coordenadas geométricas y respetando una escala preestablecida. Su naturaleza gráfica es, en consecuencia, esencialmente occidental. A pesar del carácter científico de su factura, el mapa de Martínez, tiene también un fuerte componente simbólico. La leyenda inscrita sobre una representación del Golfo de México, inserta a su vez sobre la imagen de modo «inconexo» crea un *trompe-l'œil* que no sólo refuerza la idea de la toma de posesión del espacio por los españoles, sino que alimenta también la supervivencia del viejo mito del pasaje de Aníán. Es decir, que la tradición científica occidental, representada aquí por el cosmógrafo real, parece no haberse desprendido aún de su impronta simbólica medieval.

En todo caso, estos dos mapas, que tienen el valor de encontrarse entre los más antiguos de América septentrional, muestran lo que los españoles buscaban en el espacio americano: los asentamientos indígenas, los metales, los ríos y las vías de comunicación. Tanto uno como otro indican dónde se encuentra lo que la administración colonial quiere apropiarse, los hombres y las riquezas y cómo llegar hasta ellos.

Abreviaturas

AGI: Archivo General de Indias, Sevilla (España)

Referencias bibliográficas

- BESSE, Jean-Marc (2003) – Les grandeurs de la Terre. Aspects du savoir géographique à la Renaissance. Lyon: ENS Éditions.
- CALVO, Thomas (2004) – «Nueva Galicia, Nueva Francia hacia 1600: algunas claves para observar nuevos espacios», *Relaciones*, 100 (XXV) (2004) 140-169.
- CROSBY, Alfred. W (2003) – La mesure de la réalité. La quantification dans la société occidentale (1250-1600). Paris: Allia.
- GRUZINSKI, Serge (1987) – «Colonial Indian Maps in Sixteenth-Century Mexico: An Essay in Mixed Cartography», *RES: Anthropology and Aesthetics*, 13 (1987) 46-61.

- GUTIERREZ, Ramón A (1991) – When Jesus Came, the Corn Mothers Went Away. Marriage, Sexuality and Power in New Mexico, 1500-1846. Standford: Standford University Press.
- HAMMOND, Georges P; Rey, Agapito (1953) – Don Juan de Oñate: Colonizer of New Mexico, 1529-1628. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- HAMMOND, Georges P; Rey, Agapito (1966) – The rediscovery of New México 1580-1594: the exploration of Chamuscado, Espejo, Castaño de Sosa, Morlete, and Leyva de Bonilla and Humaña. Albuquerque: University of New México Press.
- HINE, Robert V; Faragher, John M. (2000) – The American West. A New Interpretative History. New Haven, CT: Yale University Press.
- HARLEY, Brian (1995) – «Cartes, savoir et pouvoir». In Peter Gould, Antoine Bailly, eds. – Le pouvoir des cartes. Paris: Anthropos, 19-51.
- KAGAN, Richard (2000) – *Urban Images of the Hispanic World 1493-1793*. New Haven, Connecticut: Yale University Press.
- LEWIS, G. Malcom (1992) – «Maps, Mapmaking, and Maps Use by Native North Americans». In David Woodward, ed. – The History of Cartography. Vol. 2, Book 3. Cartography in the Traditional African, American, Artic, Australian, and Pacific Societies. Chicago; London: The University of Chicago Press, 51-182.
- MUNDY, Barbara (1996) – The mapping of New Spain: *indigenous cartography and the maps of the relaciones geográficas*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MUSSET, Alain (1988) – «La cartographie préhispanique au Mexique», *Mappe Monde*, 4 (1988) 22-27.
- NÚÑEZ CABEZA DE VACA, Alvar (2001) – Naufragios. Ed. Trinidad Barrera López. Madrid: Alianza Editorial.
- RUSSO, Alessandra (2008) – « À travers l'image. Invention et fabrique des métissages ». In Serge Gruzinski, ed. - Planète métisse. Paris: Musée du quai Branly/ Actes du Sud, 90-105.
- SIMMONS, Marc (1979) – «History of Pueblo-Spanish Relations to 1821». In William C. Sturtevant, ed. – Handbook of North American Indians. Vol. 9. Washington, D. C.: Smithsonian Institution, 178-193.
- WHEAT, Carl. I. (1957) – Mapping the Transmississippi West, 1540-1861. Vol. 1. The Spanish Entrada to the Louisiana Purchase, 1540-1804. San Francisco: The Institute of Historical Cartography.

Os cinquenta e um estudos que integram este *eBook*, assinados por sessenta e nove autores, permitem uma ampla perspectiva sobre o estado da investigação científica ibero-americana em História da Cartografia. No seu conjunto, estes textos incidem sobre uma matriz cartográfica que tanto consumou uma figuração pioneira do espaço terrestre, como influenciou de forma duradoura as grandes categorias espaciais imaginadas para organizar o conhecimento geográfico do mundo. Paralelamente, oferecem-nos um inquérito alargado sobre as operações de produção, de circulação e de consulta dos mapas, em consonância com as preocupações contemporâneas da disciplina, que vêm insistindo na importância da análise dos contextos culturais e sociais que acompanham esta sequência de etapas.

Os trabalhos aqui reunidos foram originalmente apresentados no âmbito do IV Simpósio Ibero-Americano de História da Cartografia, que decorreu na Biblioteca Nacional de Portugal, em Setembro de 2012. Recaem sobre um extenso conjunto de mapas, de cartógrafos e de cartólogos do século XVI ao século XX. Adquirem especial relevo as pesquisas dedicadas às representações cartográficas da Península Ibérica e do Brasil, para além de outros espaços ibero-americanos. Mas um número significativo de autores alarga o seu horizonte de análise a parcelas do mundo menos tratadas nestes âmbitos: a Ásia do Sul, a Ásia do Sueste e o Pacífico, assim como a diversos territórios europeus, ao Mediterrâneo, ao Atlântico e a África. Deste modo, ganha pleno sentido o título escolhido para esta publicação: *Cartógrafos para toda a Terra. Produção e circulação do saber cartográfico ibero-americano: agentes e contextos*.

